



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DE ALAGOAS

JÉSSICA LUIZA CORREIA DA SILVA

**OS ECOS DAS CORRENTES:
A HISTORIOGRAFIA E AS NARRATIVAS DA RESISTÊNCIA EM PENEDO (AL)**

MACEIÓ, AL

2022

JÉSSICA LUIZA CORREIA DA SILVA

**OS ECOS DAS CORRENTES:
A HISTORIOGRAFIA E AS NARRATIVAS DA RESISTÊNCIA EM PENEDO (AL)**

Artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em História de Alagoas.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Ábia Marpin.

MACEIÓ, AL

2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

S586e Silva, Jéssica Luíza Correia da.
Os ecos das correntes : a historiografia e as narrativas da resistência em Penedo(AL) / Jéssica Luíza Correia da Silva. - Maceió, 2022.
14 f. : il.

Orientação: Profª. Drª. Ábia Marpin.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História de Alagoas) - Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, Maceió, 2022.

Arquivo no formato digital em PDF do trabalho acadêmico.

1. Igreja de Nossa Senhora da Corrente – Penedo/AL - Narrativa. 2. História. 3. Narrativa turística. I. Título.

CDD: 981.35


Nalva Maria Amaral
Bibliotecária – CRB-4/989

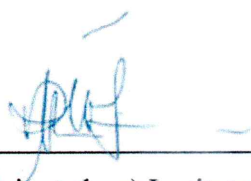
JÉSSICA LUIZA CORREIA DA SILVA

OS ECOS DAS CORRENTES: A HISTORIOGRAFIA E AS NARRATIVAS DA
RESISTÊNCIA EM PENEDO (AL)

Artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em História de Alagoas.

Aprovado(a) em: 06 /07 /2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Ábia Marpin (Orientadora) Instituto Federal de Alagoas – IFAL



Documento assinado digitalmente

GEICE QUEILA DE LIMA SILVA

Data: 18/08/2022 22:48:23-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^ª. Dr^ª. Geice Queila de Lima Silva, Instituto Federal de Alagoas – IFAL



Documento assinado digitalmente

AMARO HELIO LEITE DA SILVA

Data: 01/09/2022 10:38:07-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Amaro Hélio Leite da Silva, Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Introdução

O presente trabalho possui como objetivo discutir e problematizar as histórias contadas popularmente sobre a Igreja de Nossa Senhora da Corrente, localizada na cidade de Penedo (AL). Muitas foram as narrativas encontradas acerca da construção e dos significados sociais dessa igreja, contudo, uma dessas narrativas se estabeleceu como a mais aceita por parte da sociedade e pelos intelectuais penedenses. Visto que parte considerável destes relatos encontrados durante a pesquisa apontam a igreja como um espaço de resistência à escravidão e à inquisição, um dos eixos analíticos da investigação serão os efeitos da construção e da circulação dessas narrativas.

A Igreja de Nossa Senhora da Corrente é narrada pelos guias turísticos da cidade como um espaço que serviu de refúgio aos indivíduos negros que estavam escapando da situação de escravização no território de Penedo (AL). Segundo documentos que encontramos no Museu Casa do Penedo, a construção da igreja foi iniciada por volta de 1720, tendo sido concluída no início do século XIX pela família Lemos, apontada como uma família branca e abastada, ainda segundo esses documentos, que contribuiu para a construção da igreja.

A igreja apresenta um detalhe bem particular em sua arquitetura: uma passagem em uma das paredes ao lado do altar, onde, de acordo com a narrativa dos guias turísticos e também de documentos do museu, eram escondidas as pessoas que estavam em situação de fuga da escravização. Na historiografia, a narrativa popular é reproduzida. Segundo Nilo Sérgio Pinheiro (1997), estas pessoas ficavam escondidas ali até que fosse possível conseguir cartas de alforria falsificadas, e assim “chegavam à cidade na esperança de embarcar para o sul do país e, com isso, ganharem uma vida diferente e distante dos açoites e de perversidade de seus antigos senhores” (1997, p. 06).

A seguir, as narrativas populares e turísticas existentes na cidade serão listadas e problematizadas, a partir de uma questão norteadora: elas podem atuar como fortalecedoras de um pensamento colonialista e racista, que coloca o homem branco na posição de bondoso e caridoso e que coloca o negro na posição de alguém que precisa ser salvo? Essa questão considera as narrativas turísticas como o resultado da ausência de reflexão sobre os efeitos dos discursos construídos baseados no racismo.

A cidade de Francisco

A cidade de Penedo começa a ser construída por volta do século XVI e, ao longo dos séculos, vai sendo marcada por vários momentos importantes para a história local e para a

história de Alagoas. Penedo está situada às margens do Rio São Francisco e em cada ruela há a vibração de um passado que grita e se coloca como presente, que se exhibe a todo olhar curioso que insiste em querer conhecer um pouco mais de sua história. Sua fundação colonial data de 1560, sob os donatários Duarte Coelho de Albuquerque e seu irmão Jorge de Albuquerque, de acordo com Costa e Cabral (2016),

Há razões para supor que Duarte Coelho o primeiro donatário tivesse lançado os fundamentos da cidade do Penedo para vigiar os índios na extrema de seus domínios, na excursão que fez até ao rio de S. Francisco, deixando colonos em Porto Calvo e Alagoas (COSTA & CABRAL, 2016, p. 53).

Hoje Penedo tem, segundo dados do IBGE de 2021, uma área de 688,452 km², está localizada no leste alagoano e faz divisa com as cidades de Nossa Senhora de Lourdes, Campo Grande e Neópolis. A população estimada pelo IBGE na cidade em 2021 foi de 64.005 pessoas.

A história construída em Penedo é imponente, seus edifícios históricos destacam-se na paisagem e revela elementos das dinâmicas do passado, mesclando vestígios de arte e de uma dinâmica social própria da época, exemplo o convento de São Francisco, da Igreja de Nossa Senhora da Corrente e a Igreja de São Gonçalo, que revelam poder, influência e resistência.

A igreja de várias histórias

A igreja de Nossa Senhora da Corrente está localizada no centro histórico da cidade de Penedo, às margens do rio São Francisco. Como já mencionado a partir de informação do Museu de Penedo, também para Craveiro Costa e Torquato Cabral (2016), sua construção ocorreu no ano de 1720, compondo o conjunto de templos religiosos existentes na cidade até os dias de hoje.

No que diz respeito aos templos de religião católica, este conjunto é composto de 11 igrejas e capelas: Igreja da Santa Cruz, Igreja de Nossa Senhora da Corrente, Igreja Conventual de Santa Maria dos Anjos, Catedral de Nossa Senhora das Vitórias do Santo Rosário, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Capela de Nossa Senhora da Penha, Igreja de Santo Antônio, Capela do Bom Senhor do Bonfim, Capela de Nossa Senhora de Aparecida, Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, Paróquia São Francisco de Assis. Estas igrejas estão espalhadas em três bairros. De acordo com dados do IBGE, a população católica de Penedo é de 87%, seguida de 12% de religião evangélica e 1% de espíritas. Embora a

região de Penedo possua remanescentes de quilombo, os dados apresentados pelo IBGE não informaram sobre a presença de religiões de matriz africana.

Durante pesquisa realizada em visita à cidade de Penedo entrevistamos Vanderlei, guia turístico local que, ao falar sobre as igrejas, fez o seguinte relato: “aqui em Penedo há uma coisa bem interessante, há uma igreja particular, uma igreja para os negros e outra igreja para os pardos.” (Guia local - Vanderlei, entrevista concedida em 2022), sendo a Igreja de Nossa Senhora da Corrente apontada por ele como de uso particular da família Lemos e de uma elite branca. Acerca disso Ernani Méro (1991) relata que:

A história religiosa brasileira em todo período barroco é marcada pela construção de várias igrejas. A rivalidade de irmandades e ordens terceiras, onde existiam as de: brancos, pardos e negros, motivaram essa pluralidade de templos belos e imponentes que existiam neste Brasil (MÉRO, 1991, p. 261).

Além da Igreja de Nossa Senhora da Corrente, os demais prédios religiosos que fazem parte do centro histórico de Penedo são o Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos (Convento dos Franciscanos, Residência Maria dos Anjos), a Igreja de São Gonçalo Garcia (Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos), e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

O convento franciscano, segundo Ernani Méro (1991, p. 193), obedece ao “modelo português da era medieval de linha Barroca (colonial)”. O início de sua construção ocorreu em 1682, apresentando em sua estrutura refeitório, cozinha, janelas com conversadeiras, mirante, adega, biblioteca, varanda interna, sacristia e o *cemiterium frafratum* que a partir de 1970 foi transformado em capela.

A Igreja Santa Maria dos Anjos (Igreja Conventual de Nossa Senhora dos Anjos) começou a ser construída em 1660 sendo concluídos os trabalhos em 1689. Com estilo barroco e rococó, ela apresenta estrutura e um conjunto de esculturas e pinturas que evidenciam esses estilos, seu piso era de madeira em forma de caixotões, que serviam de ossuários na fase colonial, sendo posteriormente trocado por um piso de mosaico.

A Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos foi iniciada com a construção de uma capela em 1682, sendo a construção do templo realizada em 1758 e concluída em 1759, passando por modificações em anos posteriores. Ernani Méro (1991) determina que os traços dessa igreja apresentam elementos dentro do estilo barroco português, rococó e da Escola Baiana de Linha neoclássica. Ela possui um conjunto de esculturas de diversas representações religiosas, sendo muitas delas em “tamanho natural”. A existência desse acervo é apontada por Ernani Méro (1991, p. 244) como sendo de “(...) uma importância extraordinária, talvez as mais belas e expressivas do Brasil”.

Por volta do século XVII foi construída uma capela dedicada a Santa Efigênia, ela foi erguida por escravos onde hoje se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A capela-mór foi iniciada em 1634, essa construção foi sendo adiada inúmeras vezes por poucos recursos disponíveis, devido a isso a construção da nave só teve início no ano de 1790, estendendo-se essas construções até 1836. Ernani Méro (1991) aponta que essa igreja seguiu o mesmo padrão de todas as outras igrejas da fase barroca no Brasil, apresentando formas simples em sua estrutura arquitetônica e nas pinturas que compõem o templo.

Imagem 1: Centro histórico de Penedo.



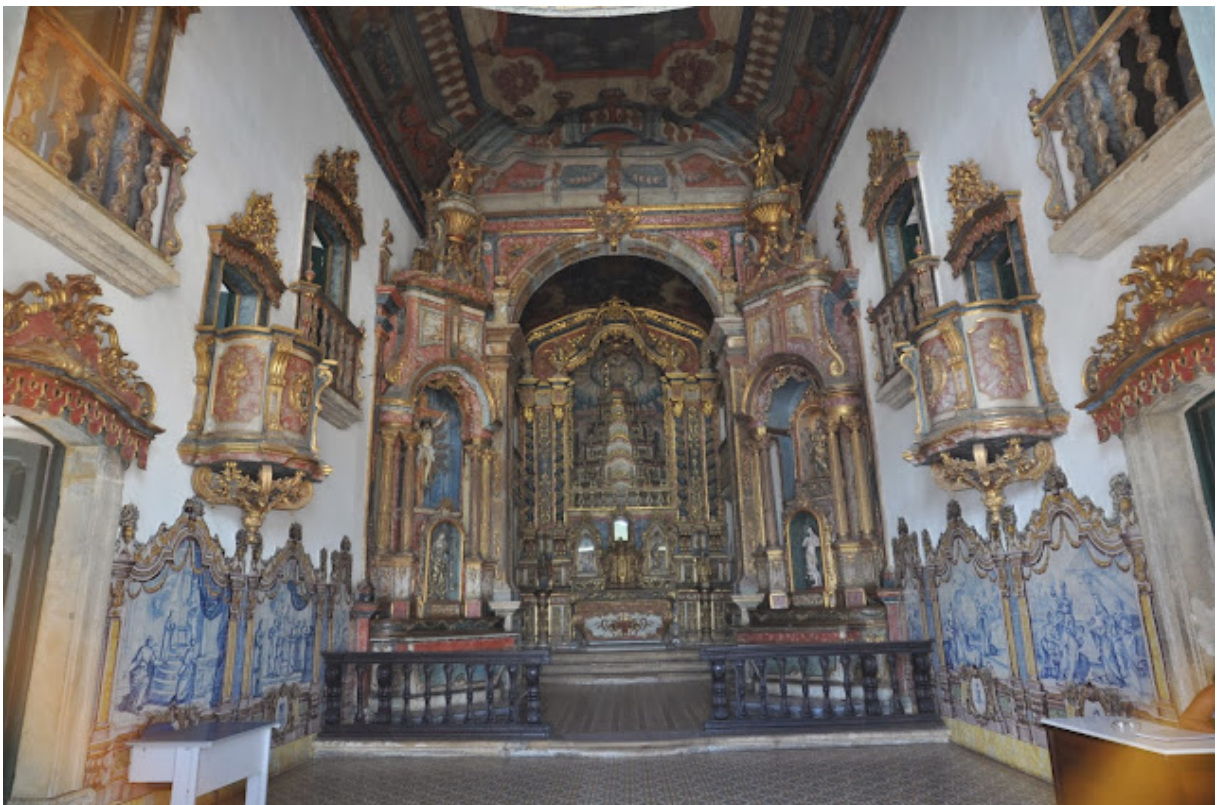
Fonte: Virna da Hora (2021).

De acordo com Ernani Méro (1991) a igreja de Nossa Senhora da Corrente, também conhecida como igreja dos Lemos por conta da família que financiou a conclusão de suas obras de construção, teve os componentes que constituem a sua decoração trazidos de Portugal, sendo assim, apresenta em seu traçado estilos que vão do barroco e rococó até neoclássico. Ela é constituída por uma porta única, três janelas, duas torres e três sinos em sua torre direita, datados entre os anos de 1801 e 1804. Em seu interior é possível observar um conjunto de painéis, constituído por azulejos portugueses, onde são retratados momentos

específicos de passagens bíblicas, e o altar ricamente trabalhado no dourado, imperando aí o estilo rococó.

(...) em todo o tempo colonial as construções religiosas começavam pela “capela-mór” vindo em seguida a nave e por último a fachada. Por esse motivo sempre existe uma descontinuidade da gramática de estilo, uma vez que os templos eram construídos em épocas distintas, sofreram influências econômicas, culturais e até da mentalidade de grupos sociais, bem como do comportamento dos mestres que trabalhavam (MÉRO, 1991, p. 188).

Imagem 2: Igreja de Nossa Senhora da Corrente.



Fonte: Claudemir Mota (2013).

A bibliografia pesquisada reforça a narrativa popular local trazida pelos guias turísticos. Existem algumas histórias que são contadas sobre a Igreja de Nossa Senhora da Corrente e que procuram esclarecer sobre o seu surgimento e influência na cidade, em decorrência da família que estava por trás de sua construção. As narrativas abordadas nessa pesquisa são:

- A construção de um prisioneiro
- A construção de benfeitores
- Resistência à escravização

- Resistência à inquisição
- O olhar do poeta

Há alguns relatos que estão repletos de mistério, outros estão cheios de crítica social. A seguir, essas narrativas serão descritas.

A construção de um prisioneiro

Aminadab Valente (1957) aponta a atribuição do nome à igreja por conta de um preso que foge de Portugal ainda com um pedaço da corrente presa ao seu corpo, esse homem realiza a promessa de construir um templo na cidade que lhe abrigasse. Diante disso, ele ergue o templo e enterra a corrente que trouxe consigo no alicerce da construção. Por sua devoção religiosa e pela história vivida, a igreja teria ficado conhecida pelo nome que carrega hoje.

A construção de benfeitores

Segundo José Próspero Jeová da Silva Carotá (1962) as obras da igreja são iniciadas pelo Capitão José da Silva Reis, e com sua morte a construção fica sob a responsabilidade de seu genro, o Sargento-mor Jacinto Soares de Sousa e posteriormente por sua esposa D. Ana Felícia da Corrente. Com a morte dela, os trabalhos foram interrompidos e seus herdeiros não apresentaram interesse em continuar com as obras. Após 30 anos de paralisação, o Capitão-mor de Ordenanças André Lemos Ribeiro fica com a incumbência de concluir a obra. Os planos traçados por ele não puderam ser totalmente finalizados, pois devido a idade avançada e a problemas de saúde foi necessário passar a responsabilidade da igreja para seu sobrinho o Capitão Manoel Silva Lemos em 1804. Devido ao grande cuidado e preocupação que os Lemos possuíam com a igreja ela ficou conhecida como Igreja dos Lemos, sendo muitos deles sepultados na própria igreja, só vindo essa prática ter fim a partir de 1888, quando a Câmara cumpriu os dispositivos da Lei Geral, determinando a construção de cemitérios públicos em lugares fora dos espaços da igreja.

Imagem 3: urnas funerárias da Família Lemos.



Fonte: a autora (2022).

Resistência à escravização

Nilo Sérgio Pinheiro (1997) retrata a igreja como um espaço de resistência à escravização, pois a igreja foi construída com um compartimento por trás do altar-mor, que, segundo contam, servia para esconder escravos que fugiam dos locais que os mantinham aprisionados, chegando lá passavam um tempo escondidos até o momento que fossem falsificadas cartas de alforria, por parte dos Lemos, e eles pudessem seguir em direção ao sul do país.

Imagem 4: compartimento por trás do altar-mor.



Fonte: a autora (2022).

Resistência à inquisição

Jean Lenzi, atual diretor do Museu Casa do Penedo, nos relatou na ocasião de uma conversa, a possibilidade da igreja de Nossa Senhora da Corrente ter servido como um espaço de resistência à inquisição em Penedo, uma vez que os Lemos foram apontados como cristãos-novos, sendo eles judeus e mulçumanos que eram convertidos ao catolicismo.

Imagem 5: pintura iluminista no teto da Igreja de Nossa Senhora da Corrente.



Fonte: a autora (2022).

O olhar do poeta

Outra narrativa marcante acerca da Igreja de Nossa Senhora da Corrente foi a desenvolvida pelo poeta alagoano Lêdo Ivo. Ele escreveu o poema “*Nossa Senhora da Corrente*” que é marcado principalmente pela crítica social. Nesse poema é salientado o descaso com o qual a igreja é tratada, presente nos momentos em que ele relata sobre os “altares roídos” e “os olhos dos santos que os turistas e antiquários não conseguiram roubar”, ao mesmo tempo em que vai ficando claro para o leitor que essa igreja possui um papel significativo para a história da cidade de Penedo.

Nossa Senhora da Corrente

Só Deus e os morcegos habitam
a Igreja de Nossa Senhora da Corrente.
O espírito invisível paira entre os altares
roídos e o vento de Penedo
cega lentamente os olhos dos santos

que os turistas e antiquários não conseguiram roubar.
Deus é barroco. Deus é como os morcegos:
voando à noite entre os espaços estrelados
procura chupar o sangue dos homens
que enegrecem o dia com os seus pecados.
Na abóbada da igreja que o rio às vezes invade
os morcegos escondem o céu alegórico
eternamente sonogado aos pecadores.
O céu negro dos homens! Sob o soalho avariado
os ratos se inclinam à Presença eucarística.
E Nossa Senhora da Corrente, padroeira dos ratos
e morcegos,
entre flores de papel e velas fedorentas
compartilha da solidão divina.
Ó Mãe dos homens, que sorri radiosa em seu abandono
como a minha própria mãe, rogai por mim!

Imagem 6: altar da Igreja de Nossa Senhora da Corrente.



Fonte: a autora (2022).

O silêncio que habita a história

A história da Igreja de Nossa Senhora da Corrente é contada com grande entusiasmo pelos guias locais e encantam os turistas que visitam a cidade de Penedo, principalmente o que se refere a sua atuação enquanto espaço de resistência a escravização. Muitas são as histórias contadas acerca dessa igreja, porém a que fica em evidência e que é propagada trata da família Lemos como sendo uma família abolicionista, que auxiliava os indivíduos negros e negras que fugiam da sua condição de escravidão a alcançar os quilombos. Essa igreja servia assim como um lugar de refúgio a esses indivíduos. “Apesar de brancos e abastados, eram abolicionistas. Os escravos fugiam das fazendas e se escondiam dentro da igreja, até que os Lemos pudessem falsificar uma carta de alforria. Ajudando-os ainda a cruzar o Rio São Francisco.” (MIRANDA, 2018).

A partir da realização de pesquisa de campo na cidade de Penedo pode-se constatar que essa narrativa foi sendo construída no imaginário popular, uma vez que não há documentos históricos que atestam os fatos tal como eles são contados. Todos os monumentos históricos presentes no centro histórico da cidade apresentam placas informativas indicando parte de sua história, o mesmo ocorre com a Igreja de Nossa Senhora da Corrente onde a narrativa sobre a escravidão é apresentada ao turista, contribuindo para a sua propagação.

Além de fixar comportamentos pelos processos de significação, a linguagem, e mais precisamente o discurso, funciona também para transformar os comportamentos, reafirmando ou refutando as memórias de sentidos, como desenvolve a perspectiva discursiva, superando qualquer leitura da linguagem como comunicação, pois constitutiva dos mecanismos ideológicos que incluem a não comunicação (PÉCHEUX *apud* SILVA, 2021, p. 73)

Construiu-se a narrativa e hoje ela é tida como sendo a “história oficial” da igreja, como aponta Jean Lenzi diretor do Museu do Penedo, embora existam outras narrativas sobre a existência dessa igreja em território penedense. O que se coloca como análise é o fato de que diante de tantas narrativas ficou firmada justamente aquela que favorecia uma família branca da elite da cidade. Nessa narrativa o homem branco assume o protagonismo da história, sendo colocado como um salvador dos indivíduos negros e negras que estavam em situação de opressão na sociedade. Essas narrativas sustentam discursos que tinham sido utilizados por certos intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre por exemplo, que causaram grandes prejuízos para as discussões sobre as questões raciais.

[...] podemos compreender o mito do bom senhor de Freyre como uma tentativa sistemática e deliberadamente montada para interpretar as contradições estruturais do escravismo como simples episódio sem importância, que não chegaram a desmentir a existência dessa harmonia entre exploradores e explorados. (MOURA, 1966, p. 20).

Os relatos desenvolvidos pelos guias turísticos procuram ressaltar a importância da história de Penedo, destacando personalidades e momentos marcantes, como é o caso da ida de Dom Pedro I para Penedo sendo essa passagem da história amplamente explorada, e da implementação na praça Frei Camilo de Lellis de estátuas de personagens históricos, todas elas de homens brancos colonizadores. Desse modo, é sustentada a imagem dos heróis que lutavam pela igualdade e liberdade de todos os indivíduos. A pergunta que surge a partir de então é: a quem essa narrativa favorece? Nota-se que houve uma “normalização” e “naturalização” dessa passagem da história penedense, e a forma como os indivíduos foram sendo colocados a partir das narrativas, mesmo ela representando uma problemática tão grande para a sociedade na qual está inserida.

[...] Essa sociedade manteve uma série de características em sua raiz. Vale destacar que seria violenta e excludente pelo fato de o poder se construir para o exclusivismo senhorio.

Essas características passam pela abolição – marco apenas formal –, mas a mentalidade escravocrata e a organização social a ela inerente permanecem, sendo, em parte, responsáveis pela conformação do quadro atual. A formação brasileira sempre manteve a discriminação, perpassado por variações estruturais. (ALMEIDA, 2016, p. 33).

Desse modo, questionar as narrativas que nos chegam e os espaços que ocupamos é essencial para impedir que elas se cristalizem e apresentem visões distorcidas acerca da história.

Conclusão

A propagação de certas ideias, posicionamentos e histórias devem ser passadas com responsabilidade e cuidado, pois podem contribuir para o reforço do racismo na sociedade. A pesquisa foi sendo desenvolvida como uma forma de lançar luz a uma questão na história de Alagoas onde as narrativas turísticas se apresentam muito presentes e necessárias de uma investigação mais a fundo. Revelando inclusive a dinâmica da cidade com a sua própria história e o seu compromisso com ela.

Referências

ALMEIDA, Luiz Sávio. **História dos costumes, usos e (ab)usos nas Alagoas**. Achegas (I): sobre negros. Agência Fonte de Notícia. Maceió, 2016.

CAROATÁ, José Próspero Jeová da Silva. **Crônica do Penedo**. Editora do Departamento Estadual de Cultura, 1962.

COSTA, Craveiro; CABRAL, Torquato. **Indicador geral do estado de Alagoas**. Maceió/AL: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016.

IBGE. **Penedo (AL)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/penedo/panorama>. Acesso em: 23 de junho de 2022.

IVO, Lêdo. **Melhores Poemas**. 1ª edição digital. Global. São Paulo, 2012.

MÉRO, Ernani. **Templos, ordens e confrarias**. História religiosa de Penedo. Maceió, SERGASA, 1991.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. Editora Ática. São Paulo, 1966.

PINHEIRO, Nilo Sérgio. **Penedo - O Acoradouro da liberdade**. Gazeta de Alagoas. 28 de janeiro de 1999.

SILVA, Geice Queila de Lima. **Classe, patriarcado e raça no discurso midiático do impeachment de Dilma Rousseff** / Geice Queila de Lima Silva. – 2021.

VALENTE, Aminadab. **Penedo: sua História**. Maceió, Imprensa Oficial, 1957.

Referências das imagens

Imagem 1: Centro Histórico de Penedo. Projeto Alagoas. Disponível em: <https://projetoalagoas.com/a-historica-cidade-de-penedo/>. Acesso em 17 de abril de 2022.

Imagem 2: Igreja de Nossa Senhora da Corrente. Claudemir Mota. Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/destaques/observa-fundaj-itens/observa-fundaj/transposicao-rio-sao-francisco/sao-francisco-rio-de-lagrimas>. Acesso em 17 de abril de 2022.

Imagem 3: Urnas Funerárias da Família Lemos. Arquivo Pessoal, 12 de janeiro de 2020.

Imagem 4: Compartimento Por Trás do Altar-mor. Arquivo Pessoal, 12 de janeiro de 2020.

Imagem 5: Pintura Iluminista no Teto da Igreja de Nossa Senhora da Corrente. Arquivo Pessoal, 27 de janeiro de 2022.

Imagem 6: Altar da Igreja de Nossa Senhora da Corrente. Arquivo pessoal, 12 de janeiro de 2020.